

9. História, Regiões e Fronteiras

Distanciamento entre o Brasil e a América Latina: uma análise de notícias dos jornais Estadão e Folha de S. Paulo sobre o continente

Souto, Mayara; mayarasoutoc@gmail.com

Storch, Laura; lsstorch@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O artigo apresenta o recorte de uma pesquisa mais ampla, em que debatemos o jornalismo como um dos agentes de construção de um imaginário brasileiro sobre a América Latina. Conforme Barbosa (2007), a região tem uma imagem associada ao atraso, à corrupção e à pobreza. Neste trabalho nos atemos a uma análise da estrutura das notícias, buscando perceber o que é noticiado sobre a América Latina no Brasil. Apresentamos um levantamento de notícias publicadas nas editorias “Mercado”, “Poder”, e “Mundo” da versão digital do jornal *Folha de S. Paulo*, e as editorias “Economia”, “Política”, e “Internacional” do jornal digital *Estadão* no período do mês de maio de 2018. Analisamos a construção das notícias a partir de variáveis como os países noticiados, as editorias em que são veiculados, o uso de agências de notícias internacionais e os critérios de noticiabilidade envolvidos na produção noticiosa. As notícias foram agrupadas em um corpus consolidado de 34 notícias no Estadão e 21 matérias da Folha de S. Paulo. Dentre os resultados observamos que o veículo Estadão tem mais investimento nos assuntos internacionais, proporcionando matérias mais aprofundadas, com certo contexto, e com conteúdos diversos, geralmente produzidos por agências internacionais. Já o jornal Folha de S. Paulo tem menos volume de notícias, e o tema recorrente é a perspectiva econômica normalmente vinculada aos Estados Unidos, que reforça o distanciamento do Brasil com os vizinhos.

Palavras chave: jornalismo; representação; América Latina; Brasil;

Introdução

O presente trabalho parte da compreensão de que o Jornalismo é um modo de conhecimento sobre o mundo (GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1998) e, neste sentido, contribui para a construção de representações coletivamente compartilhadas. O recorte temático de investigação escolhido na pesquisa é a construção de representações sociais da América Latina na imprensa brasileira.

Barbosa (2007) defende que a América Latina tem uma imagem associada ao atraso, à corrupção, e à pobreza na grande imprensa, e que isso se deve a construção negativa formada pelas visões europeias e norte-americanas, através dos veículos de comunicação, dos livros de história e de processos de ensino. Devido à marginalização do continente nos espaços nobres da imprensa mundial, os jornais brasileiros acabam retratando o mesmo comportamento. (SANT'ANNA, 2006). O artigo faz parte de uma discussão mais ampla, mas utiliza o recorte do jornalismo por ser um dos agentes de construção do imaginário brasileiro sobre a América Latina. Estabelecemos, como objetivo do trabalho, perceber o que a mídia brasileira noticia sobre a América Latina, e para isso analisamos os jornais *Estadão* e *Folha de S. Paulo*, em sua versão digital, por serem considerados os mais acessados no Brasil. Utilizando pesquisa exploratória, definimos quais editorias dos jornais seriam tratadas, e percebemos que em algumas o assunto era mais debatido. Assim, durante o mês de maio de 2018, foram investigadas as editorias “Economia”, “Política”, e “Internacional” do jornal digital *Estadão*, e “Mercado”, “Poder”, e “Mundo” da versão digital do jornal *Folha de S. Paulo*. Essas editorias reúnem o mesmo tipo de informação sobre, respectivamente, economia, política, e assuntos internacionais nos jornais, porém são nomeadas por cada veículo de forma diferente. A partir disso, vamos observar a construção das notícias considerando os países noticiados, as editorias em que são veiculados, o uso de agências de notícias internacionais e os critérios de noticiabilidade envolvidos na construção das notícias.

A América Latina e o jornalismo como construtor de representação social

A América Latina é um continente, e também um conjunto de culturas e momentos históricos semelhantes. O território compreende a América do Sul quase que completamente, exceto as guianas e o Suriname, também os países da América Central, com exceção de Belize e Jamaica, além da América Central Insular, que são as ilhas banhadas pelo Mar do Caribe, e o México, na América do Norte. Segundo Darcy Ribeiro (1986), a unidade geográfica “jamais atuou aqui como fator de unificação”, pois a influência dos países que colonizaram a América Latina limitou o relacionamento entre os países vizinhos. A corroborar isto, Bomfim (2009) afirma que “compartilhamos um espaço geográfico, mas não uma relação de trânsito cultural”.

Sant’Anna (2006) destaca que os países latino-americanos “experimentam processos político-econômicos semelhantes, a história recente dessas nações tem mostrado similitude de forma, causa e efeito”. É o caso quando observamos que os países viveram ditaduras militares simultaneamente, a maioria tem como religião principal o catolicismo, os idiomas são originários do latim, e possuem diversidade étnica.

Entretanto, o mais comum quando se cita América Latina é a visão marginalizada que os países têm, ligadas à violência, à pobreza, e outras visões negativas que constroem um imaginário social. Piernes (apud BOMFIM, 2009) comenta que a falta de informação entre os latinos faz com que as notícias “exóticas” circulem nos meios de comunicação e sejam veiculadas como verdadeiras dentro do continente em que estão inseridas, e isso acaba por incentivar o preconceito entre os próprios países subdesenvolvidos.

De volta ao foco da pesquisa, do ponto de vista da mídia, o que se noticia sobre a América Latina não costuma trazer as semelhanças entre os países da região, existe uma limitação de cobertura sobre os países aqui no Brasil. O jornalismo é um potencial aliado para a organização social, pois a mídia é responsável por veicular “formas simbólicas representativas culturalmente para os indivíduos”. Assim, o jornalismo pode atuar como um “agente da construção social da realidade contemporânea” (BONFIM, 2012). E essa influência na sociedade se deve ao processo histórico de construção de uma “legitimidade social”, que permite escolher e produzir para o público uma “reconstrução discursiva” do que acontece no mundo, baseado na fidelidade do relato jornalístico. (FRANCISCATO apud BOMFIM, 2012).

Neste sentido, a confiança nos critérios de “seleção de notícias” do jornalista, e consequentemente, do meio de comunicação que ele representa, carregando também, segundo Sant’Anna (2006), o comportamento editorial que é sensível a linhas jornalísticas de grandes agências transnacionais que muitas vezes não consideram os interesses latino-americanos, e também os anseios políticos e econômicos que são contrários ou indiferentes à integração latino-americana.

O autor ainda comenta que a globalização possui como estratégia o fortalecimento regional, mas que no caso latino-americano, a mídia nacional brasileira não considera como interesse público as informações sobre a América Latina, e não pauta isso na sua rotina de produção, o que faz com que não se construa uma “latindade”, e esse fato não favorece a constituição de um imaginário pró-uniidade cultural. Por isso, escolhemos as notícias para analisar a representação da América Latina na imprensa brasileira, que é uma agenda de influência no pensamento comum dos brasileiros.

A estrutura da notícia e critérios de noticiabilidade

A fim de levantar dados para compreender o papel da imprensa brasileira na construção de representações da América Latina, foram agrupadas notícias acerca da temática. É importante compreender que as notícias participam de um processo jornalístico, em que passam por uma seleção dentro das redações. Ou seja, apenas uma parcela do que ocorre no

mundo todos os dias vai ser selecionado para ter espaço nos jornais, principalmente naqueles privilegiados com prestígio social, como é o caso dos analisados Estadão e Folha de S. Paulo.

Essa triagem é realizada através de critérios de noticiabilidade, que definem o que é noticioso ou não para o público de cada veículo de comunicação. Muitos autores elencam quais são os critérios de noticiabilidade, consideramos a perspectiva de Chaparro (apud SILVA, 2005) que define a proximidade, a atualidade, o conflito, e até fatos que despertem a curiosidade, e surpresa no público, como alguns desses preceitos. Conforme a identificação dos acontecimentos a partir dessas categorias, é possível entender porque algumas notícias são selecionadas, em detrimento de outras.

O processo de filtragem da notícia ocorre em todas as editorias de jornais, e para Bomfim (2012) os valores-notícia são definidos de maneira subjetiva pelo profissional, e, a partir dele, determinados de modo “imparcial”. Principalmente no jornalismo internacional, existe uma ideia de “gatekeeper” no processo de construção da notícia, em que alguns jornalistas são selecionados para detectar quais acontecimentos, no universo de tantas informações, serão publicados. Essa seleção acontece por processos objetivos, que fazem parte da formação profissional. (WHITE y WOLF, apud BOMFIM, 2012).

Entretanto, não acreditamos que o jornalista é um ser isento, ele faz parte de uma construção social. Sant’Anna (2006) define que o modo como a América Latina é marginalizada nos meios de comunicação internacionais e nacionais se deve a um comportamento editorial que carrega a “herança cultural absorvida pelos profissionais da imprensa”. Então, ao produzir ou eleger uma notícia, o jornalista tem essa carga cultural junto a si. Grande parte das notícias internacionais é produzida por agências internacionais, e existem jornalistas internacionais responsáveis por acessar o despacho – conteúdo das agências internacionais para as empresas – e questionar a partir do próprio julgamento, considerando também a linha editorial do veículo de comunicação, quais daqueles assuntos serão relevantes. Cabe lembrar aqui que agências internacionais como a Agéncia France Presse (AFP), a Associate Press (AP), e a agência alemã Reuters, são originárias de países desenvolvidos, e é a partir do olhar deles que os jornais brasileiros vão reproduzir o cenário mundial.

Metodologia

Considerando a discussão teórica sobre América Latina, o papel da imprensa na construção das representações do continente, e o processo de construção da notícia, delimitamos o objeto de pesquisa. No presente artigo, escolhemos trabalhar com os portais online dos jornais Estadão e Folha de S. Paulo, por serem os maiores jornais brasileiros e

possuírem grande número de acessos - considerando a métrica de dados de visualização utilizada pelos sites. Além de representarem grandes veículos de comunicação no Brasil e apresentarem produção de notícias baseadas nos critérios de noticiabilidade jornalística, e integrarem uma estrutura de redação grande e capacidade de produção para informar sobre a realidade internacional. É importante mencionar que a região sudeste representa o centro econômico e de produção mercadológica do Brasil. O conhecido “eixo Rio de Janeiro – São Paulo” engloba todos grandes veículos de comunicação brasileiros, e assim, ambos os jornais escolhidos são do estado de São Paulo.

O jornal “O Estado de S. Paulo” é o jornal mais antigo da cidade de São Paulo ainda em circulação. Ao longo do tempo, várias empresas e produtos foram criados a partir do Grupo Estado, como rádios, jornal impresso, agência de notícia e portal online. Desde 1875 está em circulação, recebia o nome de “A Província de S. Paulo”, e somente em 1890, com o estabelecimento dos estados brasileiros, recebeu o nome atual. Em 1958 o jornal começou a se expandir, e criou a Rádio Eldorado. Já em 1970 a *Agência Estado*, agência de notícias, abriu as portas no jornal e facilitou a divulgação rápida de conteúdos informativos e analíticos. Anos depois, em 1991, se incorporou à agência o produto *Broadcast*, serviço ágil de disseminação de informação financeira sobre o país. A agência de notícias do Estadão possui parceria com agências internacionais como Associate Press (AP) e Agéncie France Presse (AFP). A virada de década foi marcante para o Grupo Estado, em março de 2000 foi lançado o portal Estadão.com.br. O portal possui grande número de acesso, de acordo com o último levantamento de dados de visualização no ano de 2014, ele obteve 80,7 milhões de acessos e 8,7 milhões de visitantes naquele ano.

Popularmente conhecida como “A Folha”, o veículo surgiu em 1921, com a criação da chamada “Folha da Noite”, mas só recebeu o nome de *Folha de S. Paulo* em 1960. O jornal enfrentou o período da Ditadura Militar brasileira e pelos princípios editoriais da época, voltados ao pluralismo e independência, o jornal se consolidou como o de maior tiragem brasileira. O Grupo Folha expandiu e em 1996 se tornou o primeiro serviço online de grande porte do país com a criação do “Universo Online”, plataforma de informações e dados que podiam ser consultados online. Devido ao sucesso do impresso e da digital, em 2010 as versões unificaram as redações de produção, e realizaram uma reforma editorial. Desde então, a plataforma online passou a se chamar Folha.com.br, e também foram incluídas as versões de aplicativos para iPhone, iPad e Galaxy Tab. A Folha Online se auto intitula como “o jornal brasileiro líder absoluto na internet” e segundo o levantamento de audiência do Instituto Verificador de

Comunicação encomendado pelo jornal, a Folha Online tem 190 milhões de visualizações de página, e 32,8 milhões de visitantes no levantamento realizado em julho de 2017.

Os jornais citados foram analisados durante o mês de maio de 2018 com a finalidade de levantar dados que permitam perceber, a partir das notícias produzidas no período, o que é debatido sobre a América Latina na imprensa brasileira. Com esta intenção, começamos uma pesquisa exploratória para entender quais eram os conteúdos dos jornais sobre os temas. Desta maneira, percebemos que algumas editoriais dos jornais online compreendiam mais conteúdo sobre América Latina em comparação a outras.

Por isso, elegemos as editoriais “Economia”, “Política”, e “Internacional” do jornal digital Estadão, e “Mercado”, “Poder”, e “Mundo” da versão digital do jornal Folha de S. Paulo. Mesmo nomeadas de maneira diferente por cada veículo, essas editoriais são responsáveis por tratar do mesmo tipo de informação, são elas, respectivamente: economia, política, e assuntos internacionais.

Na primeira seleção de conteúdo foram coletadas 59 notícias no jornal Estadão, e outras 41 na Folha de S. Paulo, considerando aqueles conteúdos que envolviam as três editoriais citadas, e não considerando outros que eram textos de blogs e colunas de opinião. Assim, notamos que o buscador dos sites coletava todas as notícias que apareciam as palavras “América Latina”, não fazendo diferença para conteúdo ou palavras chaves. Ou seja, muitas matérias só citavam algum cargo, ou empresa relacionada ao continente, mas nem sempre o conteúdo era relacionado.

Partindo do que nos interessava o conteúdo, filtramos novamente as informações para que seleccionássemos somente notícias temáticas. O número que havíamos coletado inicialmente se alterou, e ficamos com o total de 34 notícias do Estadão, e 21 matérias da Folha no período analisado. A partir disso, começamos a utilizar a técnica de análise do discurso como ferramenta, pois “possibilita a análise de dados obtidos por perguntas abertas, para ser estruturada para fins de diagnóstico” (IKEDA y CHANG, 2005), além de ser um método de pesquisa observacional para “avaliar sistematicamente o conteúdo simbólico de todas as formas de comunicação registradas.” (KOLBE y BURNETT apud IKEDA y CHANG, 2005). Neste estudo não pretendemos ir tão afundo na análise do texto, mas sim dos assuntos, para primeiramente compreender o que é dito, antes de entender o como.

Neste sentido, apenas algumas notícias foram consideradas, pois possuíam conteúdos relacionados aos países latinos e o Brasil, ou então outros países que se relacionam com a América Latina, e até mesmo quando as matérias são exclusivamente sobre algum tópico de

um dos países do continente. A fim de categorizar estas notícias, juntamos as editorias que havíamos escolhido, e decidimos separar as notícias por assuntos, relacionados à cultura, política, ou economia. Assim, posteriormente verificamos a partir dos dados levantados o que foi noticiado da América Latina durante o mês de maio. Pudemos também notar quais temas eram mais frequentes, quais países mais aparecem, e por quais possíveis “motivos” essas notícias foram escolhidas em detrimento de tantas outras sobre o mesmo continente.

Resultados e discussões

Vamos considerar as notícias selecionadas na última filtragem, em que o Estadão totalizou 34 notícias, e a Folha 21 notícias, com resultado da seleção das três editorias trabalhadas na pesquisa. Percebemos, então, que em cada um dos jornais existe a predominância de uma das editorias. Por exemplo, das 21 notícias da Folha de S. Paulo, 11 são da editoria “mercado” – que diz respeito à economia. Já no Estadão, 25 notícias são da editoria “internacional”, dentre o total das 34 notícias sobre América Latina.

A fim de apresentar a quantidade de matérias em cada editoria nos dois jornais, geramos dois gráficos que facilitam a visualização dos conteúdos. Posteriormente, analisamos os assuntos que dizem respeito a esses dados.

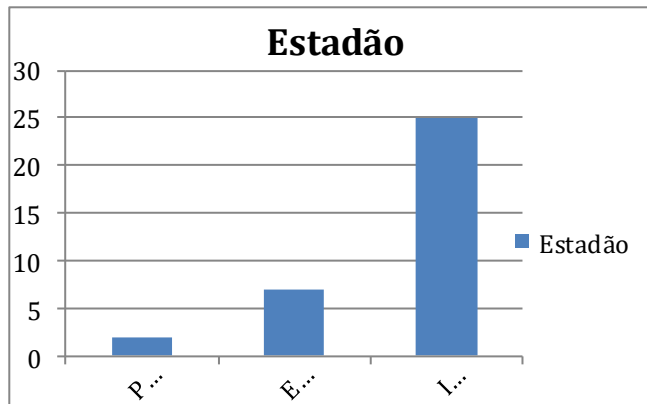


Gráfico de notícias do portal online do Estadão

O jornal Estadão veicula mais notícias da editoria “Internacional”, somando 25 notícias, seguido por sete notícias da economia, e, por fim, apenas duas na editoria política.

A editoria “economia” do jornal trata de assuntos como a alta do dólar e o impacto nos países latinos e na economia mundial, empréstimos brasileiros a países latinos, acordos comerciais entre os países desenvolvidos e o reflexo na América Latina, a alta do petróleo relacionando ao Brasil e à crise da Venezuela, e também sobre a crise econômica na Argentina.

Em quase todos os casos econômicos, os países latinos acabam por ter relação com as grandes potências, devido à dependência de mercado existente.

Já na editoria “política” apenas duas notícias figuram o espaço no jornal, uma comenta sobre a visita da ex-presidente Dilma Rousseff à também ex-presidente argentina Cristina Kirchner, em que debatem seus governos, e a ex-presidente brasileira critica o fato de que os “governos populares” são tirados do poder na América Latina. Considerando o pensamento editorial do veículo, se percebe certa ironia em certos momentos da matéria, e uma não concordância com a afirmação da ex-presidente. Além desta, também um projeto do Ministério da Transparência e Controladoria Geral da União para que empresas que oferecem suborno internacional nas empresas sejam punidas, entre os acordos com empresas estão algumas latinas.

A editoria “internacional” do Estadão é bem desenvolvida, e trata de assuntos diversos, como política, economia, e até cultura. Os assuntos mais comentados nesta editoria são sobre a crise e a eleição na Venezuela, e estas são relacionadas ao Brasil, ou Estados Unidos, ou sob a ótica europeia. Dentro do assunto, se comenta também a relação desse país latino com os outros, e o chamado “Grupo Lima” – que é composto de vários países da América Latina contra o processo eleitoral e crise venezuelana. Além de questões como o envolvimento da empreiteira Odebrecht, ligada à investigação da Operação Lava Jato, com outros países latinos, e novos acordos que a empresa está desenvolvendo fora do país. Outro ponto de vista é o econômico, apresentando reportagens sobre o petróleo estar mais caro, devido à crise venezuelana, e também apresentando as conturbações entre o México e Estados Unidos na briga sobre o gás natural mexicano. Junto a essas notícias, também estão algumas que reforçam a característica de violência e perigo associada aos países latinos, como de gangues ditas “latinas” de El Salvador, e também a criminalização dos movimentos sociais de esquerda.

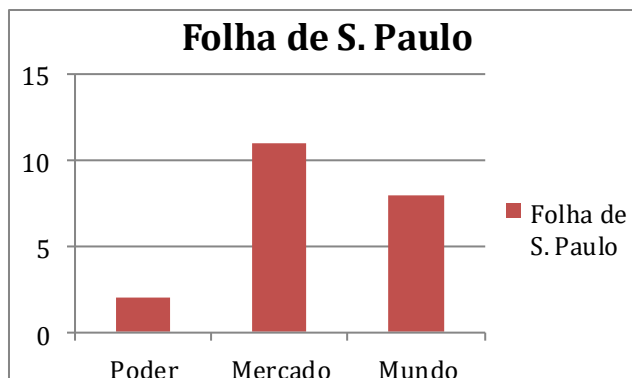


Gráfico de notícias do portal online da Folha de S. Paulo

Já no portal online da Folha de S. Paulo há o predomínio da editoria de “mercado”, com 11 notícias, seguido pela editoria “mundo” que soma oito matérias, e a editoria de “poder” com apenas duas notícias.

A editoria “mercado” da Folha é a principal do jornal quando se fala sobre América Latina, e tem como recorrência tratar da Crise Cambial Argentina, sempre tentando colocar o país como incapaz de cuidar da própria economia, e com o olhar de superioridade brasileira. Ressalta também “calotes” de países latinos com o Brasil, e apenas em uma matéria tratam de maneira “unificada” os problemas econômicos dos países latino americanos. Além disso, também se fala sobre o petróleo e combustível em relação à Colômbia, Peru e Venezuela, e também sobre novos projetos da Odebrecht nos países latinos.

A “política” também é pouco comentada no jornal Folha Online, e contém uma entrevista bem tendenciosa com o filósofo Chomsky em que as perguntas giram em torno de comparar o governo Lula com o de Hugo Chávez, na Venezuela, colocando os dois como exemplos fracassados de “governos comunistas”. Outra reportagem é histórica e mostra documentos encontrados pela CIA da época da ditadura militar brasileira, em que os Estados Unidos solicitavam ao Brasil que diminuíssem a repressão e a tortura, e o país se negou, e continuou com as práticas.

Já a editoria internacional da Folha tem menos informações, mas trabalha bastante na linha da economia e política. Na mesma linha do Estadão, os assuntos mais frequentes são a crise e a eleição na Venezuela. Além disso, também trabalha na preocupação com as eleições do México, e também das eleições colombianas. Outra notícia sobre o cancelamento da visita do vice-presidente americano ao Brasil comenta com um especialista que os Estados Unidos não têm como prioridade os países latinos.

Frente aos dados obtidos na pesquisa de cada jornal, é válido também comparar os conteúdos para que possamos analisar o contraste do número de notícias, e também qual das editorias é mais trabalhada em cada jornal.

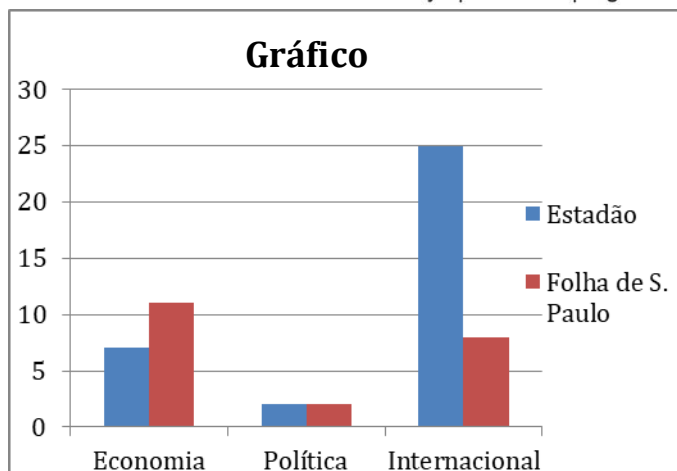


Gráfico de comparación de noticias por editoria entre os dois jornais

Ao observar os jornais comparados no gráfico acima, é possível perceber, por exemplo, que o jornal Estadão investe mais em notícias internacionais, enquanto a Folha Online se preocupa mais com a editoria de economia. Isso pode ser explicado pela própria estrutura dos veículos, em que o jornal Estadão tem parceria com agências internacionais, que fornecem conteúdo diretamente a ele, o que reflete diretamente no aprofundamento das notícias.

No Estadão a editoria internacional é desenvolvida, com parceria de agências como EFE, AFP, e AFF, e por isso, as reportagens são aprofundadas, com entrevistas e informações relevantes, já quando a Folha de S. Paulo produz com sua própria estrutura de redação, as reportagens não tem tanta profundidade, apesar de possuírem temáticas diferentes das tratadas quando se segue a linha de agência de notícia internacional, um exemplo são reportagens sobre a eleição do México e da Colômbia, que não foram comentadas no Estadão. O jornal do Grupo Estado também tem parceria com alguns correspondentes internacionais do New York Times, e de agências de notícias europeias, e nessas reportagens fica explícito o olhar dos países desenvolvidos sobre a América Latina.

Essas grandes agências de jornalismo internacional estão presentes em 13 do total de 55 das notícias, e produzem conteúdo bem mais aprofundado e contextualizado, que é encontrado mais no Estadão, por exemplo, que na Folha de S. Paulo que apenas uma delas é produzida por agência, e os conteúdos são superficiais e obedecem principalmente ao critério de noticiabilidade e de proximidade e relação com o Brasil.

Outro ponto é pensar o pouco que se trata da política latino-americana, mas que na verdade, está presente em outras discussões da editoria de internacional, por exemplo. No

questo editorial político, em ambos os jornais fica evidente o posicionamento contra a esquerda, em que se criminalizam os movimentos sociais relacionados a esta ideologia política.

Já pensando nas semelhanças, ambos os jornais trabalham principalmente com o critério de noticiabilidade de atualidade, e por isso, no período analisado, eles repercutem principalmente a temática da crise na Venezuela, seguido das preocupações com a crise cambial da Argentina.

Análise de conteúdo das notícias

Consideramos algumas questões que observamos ao longo da pesquisa, e notamos que em vista aos nossos objetivos de descobrir os assuntos mais abordados nos países durante o período analisado, quais foram os países citados, e relacionar as notícias aos critérios de noticiabilidade, seria interessante agrupar por assuntos as notícias das editorias. Isso se deve ao fato que percebemos que na editoria “internacional” existia diversidade de temáticas, então, optamos por separar as notícias em: economia, política, e cultura. Essas categorias consideram as notícias dos dois jornais, para que a visão de “imprensa brasileira” fique um pouco mais palpável.

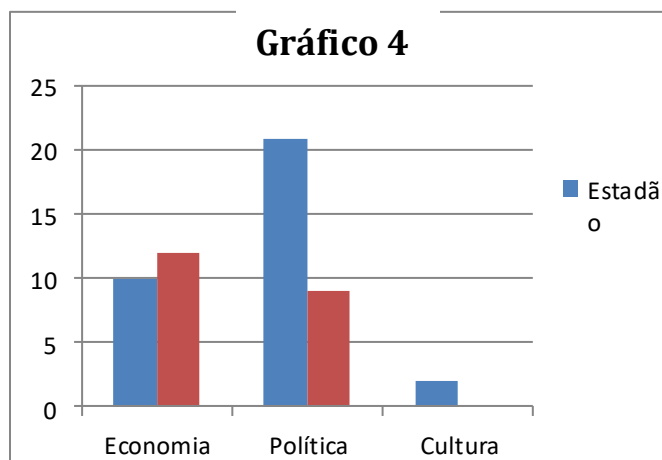


Gráfico de comparação de notícias por assunto nos dois jornais

Ao observar este novo gráfico, notamos uma diferença do anterior, pois as notícias sobre política aparecem mais, o que demonstra que grande parte das notícias internacionais é relacionada à política, pelo menos no jornal Estadão. Essas notícias dizem respeito a diversos países, como Venezuela, Argentina, Colômbia, México, El Salvador, Panamá, e Costa Rica, os últimos citados por fazerem parte do “Grupo Lima” – grupo de países latino-americanos que estão juntos contra o governo Venezuelano para que ele não seja legitimado.

Uma característica do noticiário de América Latina na questão política é reforçar a ideia de países violentos e perigosos, um exemplo é uma reportagem sobre gangues latinas - o título inclui essa nomeação - de El Salvador que atuam nos Estados Unidos, e lá é o lugar onde está mais ativa atualmente, mas atribuem toda violência ao país latino. Além de criminalizar e depreciar os movimentos sociais de esquerda, o que também faz parte das linhas editoriais do veículo. O Estadão faz uma reportagem especial sobre a vida de um ativista político que é venezuelano, mas ia contra o governo de Fidel Castro, e, por isso, foi contratado pela companhia americana Central Intelligence Agency (CIA) para sabotar os movimentos esquerdistas em vários países latino-americanos, e o mesmo foi responsável também por algumas mortes. Além disso, também rememora o Movimento de Maio de 68, movimento francês que reivindicava por melhoras do sistema educacional e teve apoio de partidos comunistas, a última informação foi motivo para ligar a América Latina a “ditadores comunistas”, como Fidel Castro e Che Guevara.

Junto à ideia de marginalização, estão as notícias que relembra guerras e tragédias, como o a declaração de ativista dos direitos humanos sobre um Massacre em El Salvador, que deixou mais de 80 mortos em um protesto. Todas as notícias citadas relacionadas à política acabam por se encaixar no critério de noticiabilidade de conflito, em que se reafirma o negativismo frente à América Latina reproduzido na imprensa brasileira.

A violência dentro da América Latina não é uma mentira, em países subdesenvolvidos, com grande índice de pobreza, como são os países latinos, realmente acontece mais crimes. Entretanto, o problema é um continente com tanta mescla cultural ser sempre lembrado de forma negativa, inclusive pelas mídias de países que estão dentro da mesma realidade, como é o Brasil. A exemplo disto, apenas duas reportagens são culturais, e nenhuma delas é positiva. Elas podem ser pensadas como curiosidades já que uma se trata das críticas ao lançamento do livro de um ex-agente da fronteira do México e Estados Unidos que contou vários relatos sobre violência e abuso de poder da polícia internacional com os imigrantes, ele acabou sendo criticado por não ter entrevistado na situação. Já a outra reportagem é inteira sobre a vida do ativista político que ia contra Fidel Castro, e que foi responsabilizado por vários crimes políticos.

Já na Economia se trabalha também com o conflito, mas principalmente com a proximidade dos problemas econômicos existentes na América Latina que possam afetar o Brasil ou não, por isso a questão da crise da Venezuela e alta do dólar, com consequente crise cambial da Argentina preocupam tanto a imprensa brasileira.

Existe certa competição do Brasil com os outros países para ser o “líder” do continente. Em muitas reportagens, especialmente na Folha de S. Paulo, existe uma intenção de criticar

economicamente os outros países. Em alguns casos se coloca como um problema de vários países, como a matéria sobre a avaliação do FMI sobre a economia da América Latina ser preocupante, já que existe uma instabilidade política em ano eleitoral no Brasil, México e Venezuela, países que, junto à anteriormente citada Argentina, são os mais citados entre as notícias de todas as editorias.

Nesse sentido, o momento geopolítico da Venezuela parece provocar uma união entre os países do chamado “Grupo Lima” - Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Guiana, Honduras, México, Panamá, Paraguai, Peru, Canadá e Santa Lúcia - que compõem os países latinos, e também dois países norte-americanos, que recebem imigrantes venezuelanos e estão unidos para ir contra o governo atual e a crise humanitária da Venezuela. Ou seja, existe o princípio de união de grupo latino-americana frente a um problema comum que afeta diretamente a economia dos países, e também se manifestam várias questões sociais pela assistência ao grande número de imigrantes chegando aos países, principalmente Colômbia e Brasil.

Considerações Finais

A partir da discussão teórica sobre a América Latina e a representação na imprensa brasileira, do jornalismo como um formador de imaginário social sobre o assunto, e o entendimento de que as notícias são uma estrutura, desenvolvemos a pesquisa de dados de notícias no período de maio de 2018. O levantamento de dados nos fez entender o que foi falado neste período, quais países foram tratados, e também quais critérios de noticiabilidade justificaram as notícias. Assim, percebemos que os critérios usados são principalmente o de conflito e proximidade, além de também atualidade e curiosidade.

Além disso, notamos nas editorias de internacional a forte presença agências de notícias internacionais, que em sua maioria ficam em países desenvolvidos da Europa e também nos Estados Unidos. Esse fato nos mostrou que as notícias são quase sempre escritas a partir do olhar dos países desenvolvidos sobre os subdesenvolvidos. Então, quem habita o mesmo continente acaba vendo os vizinhos da maneira que esses países veem, e não como, de fato, vizinhos. O distanciamento não ocorre por território, ele é um reflexo político e cultural da “dependência” dos países latinos dos países desenvolvidos que detém controle sob a economia e também dos grandes veículos de comunicação mundiais.

De modo geral, se pode notar que o problema não é a quantidade de notícias veiculadas sobre os países vizinhos, que podem não serem muitas, mas existem. E sim, pela forma como essas notícias são escritas e produzidas, em que se aplica o olhar “superior” ou dos países

desenvolvidos através das Agências de Notícia Internacional, ou do Brasil que deseja ser o líder continental.

A América Latina é vista como algo separado do nosso país, e o resto do continente é marginalizado, adjetivado como pobre e violento, e com poucas notícias sobre acontecimentos positivos que ocorrem nos países latinos. Porém, é difícil saber o que acontece em todos os países, pois tratamos de um continente muito grande, com diversidade cultural, que não é explorado por não ser de interesse dos grandes veículos nacionais.

Pensando no jornalismo, a ideia de desarticulação e não pertencimento ao continente se deve muito a como as notícias chegam até aqui. Isso diz sobre a forma como é produzida nas redações brasileiras, e em outros países. Neste último caso, a notícia passa pela seleção do que é importante para Europa e Estados Unidos, e que talvez não seja tão limitado ao Brasil, já que este tem relações econômicas e políticas com os vizinhos, como é o caso do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) – acordo com Argentina, Uruguai, e Paraguai. Nos jornais analisados, para falar de América Latina é recorrente o uso de correspondentes europeus e repórteres do New York Times, e talvez se existisse o investimento em correspondentes latinos para falar sobre o próprio continente, o olhar dos brasileiros sobre o próprio continente poderia ser diferente.

Para futuros estudos seria interessante trabalhar mais profundamente com a análise do discurso para avaliar dentro do texto como é trabalhada a América Latina, pois, por exemplo, é recorrente o uso de alguns adjetivos negativos e exposição de ideias contrárias aos movimentos sociais de esquerda característicos no continente. Essa seria uma boa maneira de entender como se forma, através do texto jornalístico, o imaginário dos brasileiros acerca da América Latina, já que esta pesquisa se preocupou em levantar dados para saber o *que* é falado, e pela limitação de tempo, não pudemos chegar ao *como*, pois demandaria uma análise discursiva aprofundada.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, A. (2007). A solidão da América Latina na Grande Imprensa. *Cenários da Comunicação*. V. 6 (1), p. 21-29.

BOMFIM, I. (2009). Latinidade: a América Latina pelas páginas de Veja e Carta Capital. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em:
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bomfim-ivan-latinidade.pdf>>.

- BOMFIM, I. (2012). Construindo realidades: uma perspectiva de interação entre Jornalismo e Relações Internacionais. *Comunicação & Inovação*. V. 13 (25), p. 29-36.
- GENRO FILHO, A. (1987). *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Brasil: Editora Tchê.
- Histórico da Folha de S. Paulo. São Paulo, BR: *Folha Online*. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm> Acesso em: 21/06/2018
- Histórico Resumido Estadão. São Paulo, BR: *Estadão*. Disponível em:
<<https://www.estadao.com.br/historico/resumo/conti1.htm>>. Acesso em: 21/06/2018.
- IKEDA, A. A. y CHANG, S. R. S. (2005) Análise de conteúdo - uma experiência de aplicação na pesquisa em comunicação social. *Revista IMES Comunicação*. V. 6 (11), p. 5-13.
- MEDITSCH, E. B. V. (1998). Jornalismo como forma de conhecimento. *INTERCOM (São Paulo)*, p. 25-38.
- Pesquisa com a tag América Latina realizada no mês de maio das editorias economia, política e internacional. São Paulo, BR: *Estadão*. Disponível em:
<https://busca.estadao.com.br/?tipo_conteudo=Todos&quando=01%2F05%2F2018-31%2F05%2F2018&q=america%20latina&editoria%5B%5D=Economia&editoria%5B%5D=Internacional&editoria%5B%5D=Pol%C3%ADtica>. Acesso em: 04/06/2018.
- Pesquisa com a tag América Latina realizada no mês de maio das editorias mercado, poder e mundo. São Paulo, BR: *Folha Online*. Disponível em:
<<http://search.folha.uol.com.br/search?q=america+latina&periodo=personalizado&sd=01%2F05%2F2018&ed=31%2F05%2F2018&site=todos>>. Acesso em: 04/06/2018.
- Publicidade Estadão.com. São Paulo, BR: *Estadão*. Disponível em:
<<http://publicidade.estadao.com.br/anuncie-no-site/estadao-pontocom-dados-de-mercado/>>. Acesso em: 20/06/2018
- Publicidade da Folha Digital. São Paulo, BR: *Folha Online*. Disponível em:
<http://www.publicidade.folha.com.br/fohadigital/perfil_do_usuario.shtml>. Acesso em: 20/06/2018
- RIBEIRO, D. (1986). *América Latina: a pátria grande*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Guanabara.
- SANT'ANNA, F. (2006). *América Latina - um tema fora da pauta*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/santanna-francisco-america-latina.pdf>>.
- SILVA, G. (2005). Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. V. 2 (1), p. 95 – 107.